

REVISTA MARACANAN

Dossiê

“Entre os artistas amigos o momento bom de ternura é o aparecimento de obra nova”: O exercício da crítica literária na correspondência de Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade (1924-1928)

“A goof moment of tenderness among artist friends is the conception of new Literary work”: Exercising literary criticism on the correspondence between Luís Câmara Cascudo and Mário de Andrade (1924-1928)

Giuseppe Roncalli Ponce León de Oliveira

Universidade Federal de Campina Grande
giuseppedeoliveira9@gmail.com

Marinalva Vilar de Lima

Universidade Federal de Campina Grande
marinalva.v.lima@ufcg.edu.br

José Machado de Nóbrega

Faculdades Integradas de Patos
danobrega2009@yahoo.com.br

Resumo: A troca de missivas, na década de 1920, tornou-se um meio eficaz para a circulação de textos inéditos entre intelectuais modernistas. As correspondências trocadas entre os integrantes do Modernismo brasileiro revelam que a partilha do texto inédito se estabeleceu entre eles como uma prática constante. Mário de Andrade e Luís da Câmara Cascudo foram, sem dúvida, alguns desses intelectuais que viam na circulação de manuscritos um estímulo para a troca de ideias entre seus pares, é o que se observa no grande volume de manuscritos que enviaram, receberam e comentaram. Neste artigo, serão discutidos aspectos relacionados ao exercício da crítica literária na escrita epistolar de Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade entre os anos de 1924 a 1928.

Palavras-chave: Crítica literária; Correspondência; Rede de sociabilidade intelectual; Luís da Câmara Cascudo; Mário de Andrade.

Abstract: The exchange of letters in the 1920s became an efficient way of divulging original texts among the intellectuals linked to Brazilian modernist movement. The correspondence exchanged among the members of Modernism reveals that the sharing of original works came to be a constant practice. Mario de Andrade e Luís da Câmara Cascudo were among those writers that considered the circulation of original writings an encouragement to the exchange of ideas with their colleagues, as one confirms observing the great volume of manuscripts that they sent, received and commented. This paper discusses aspects related to the exercise of literary critique present in the letter exchange between Luís da Câmara Cascudo and Mario de Andrade in the period from 1924 to 1928.

Keywords: Literary critique; Correspondence; Intellectual sociability net; Luís da Câmara Cascudo; Mario de Andrade.

Recebido: Abril de 2017

Aprovado: Junho de 2017

É incontestável que entre artistas, embora seja isso raro, também podem existir amizades verdadeiras. Os igrejos musicais, as capelas literárias, que no geral são tidos como associações do elogio mútuo, na realidade não são tão odiosos como parecem. [...] Mas como em todas as amizades humanas a dificuldade da permanência consciente do afeto leva a fixação de momentos de ternura, que nem os aniversários, os enterros, etc., entre os artistas amigos o momento bom de ternura é o aparecimento de obra nova.¹

1. Introdução

Como já afirmou Sirinelli, todo grupo de intelectuais organiza-se em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de apreender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar.²

A troca de missivas na década de 1920 tornou-se um meio eficaz para a circulação de textos inéditos entre intelectuais modernistas. É importante destacar, como mostra Márcia Machado, que se esse não foi um hábito restrito a esse momento histórico, desenvolveu-se de forma considerável nele. É possível verificar, portanto, que escritores trocavam entre si seus textos em processo de elaboração e, na maioria dos casos, solicitavam opiniões a respeito deles. As correspondências trocadas entre os integrantes do Modernismo brasileiro revelam que a partilha do texto inédito estabeleceu-se entre eles como uma prática constante. Mário de Andrade e Luís da Câmara Cascudo foram, sem dúvida, alguns desses intelectuais que viam na circulação de manuscritos um estímulo para a troca de ideias entre seus pares, é o que se observa no grande volume de manuscritos que enviaram, receberam e comentaram.³

A correspondência entre Mário e Cascudo espelha, com nitidez, o percurso intelectual dos interlocutores. Livros, textos em jornais e revistas, obras de imaginação ou estudos, trocados entre eles, aguardam a “opinião franca” dos novos estudiosos. A amizade entre eles consolida-se nas cartas, ao longo das décadas de 1920 e 1940, passando das afinidades intelectuais para as desejadas relações familiares de compadrio, sem excluir momentos de tensão. Leva a reboque a depreciação ou a valorização de um determinado ideário artístico ou concepção ideológica, suscitando, eventualmente, debates.⁴

¹ ANDRADE, Mário de. Blaise Cendrars. In: *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. São Paulo: Duas Cidades/Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia de São Paulo, 1976, p. 175.

² SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org.). *Por uma história política*. Trad. Dora Rocha. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 248.

³ MACHADO, Márcia Regina Jaschke. *O Modernismo dá as cartas: circulação de manuscritos e produção de consensos na correspondência de intelectuais nos anos de 1920*. Tese (Doutorado em Letras) – PPGLB/USP, São Paulo, 2012, p. 7, 10.

⁴ MORAES, Marcos Antônio de (org.). *Acordes, contrapontos: entrecruzamentos biobibliográficos de Cascudo e Mário*. In: CASCUDO, Luís da Câmara. *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas (1924-1944)*. São Paulo: Global, 2010, p. 373-374.

Neste artigo, serão discutidos aspectos relacionados ao exercício da crítica literária na escrita epistolar de Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade entre os anos de 1924 a 1928.

2. Recepção e crítica de poesias através das cartas

O ano de 1924 parece ser um marco histórico na divulgação e propagação do movimento modernista: é nesse ano que as ideias modernistas deixarão o eixo Rio de Janeiro/São Paulo, passando a ser divulgadas pelo Rio Grande do Sul, Minas Gerais e pelo Nordeste em geral. É durante esse período que Câmara Cascudo participa ativamente da vida literária de Natal e de Recife. A correspondência entre Mário e Cascudo terá início, significativamente, nesse ano. Em onze de julho de 1924, Cascudo publica, em *A Imprensa*, um artigo sobre o autor de *Losango Caqui*, intitulado *O Sr. Mário de Andrade*. Esta parece ter sido, de certa maneira, a primeira missiva de Cascudo, sob a forma de carta aberta, que provocará o início da correspondência entre os dois.⁵

Toda essa espafúndia cousa significa o arrojo deste singular temperamento de artista e criador. A sua coragem cifra-se em apresentar-se como é, sem máscara, e dispensando o amável auxílio das citações. De linha em linha voa o pensamento. Paralelo as imagens sobem. Sistema Blaise Cendrars. E a idéia para ser escrita basta ser pensada [...] senhor Mário de Andrade.⁶

A partir da tomada de conhecimento da crítica de Cascudo, Mário irá propor-lhe algo que lhe era habitual, ou seja, solicitar manuscritos ao jovem escritor potiguar. Já na primeira carta que remeteu a Cascudo está a declaração:

Já o conhecia. O seu nome ficou-me dum artigo lido na revista do Brasil. O seu estilo atual, vivaz, serelepe dá alegria. Entretece a gente. É incisivo. [...] [...] Gratidão maior que lhe tenho da revelação de mais uma inteligência viva e eficaz. [...] Meu ponto vulnerável é a confirmação das inteligências fortes. Você tocou-me rijo. Terei sempre interesse em seguir seus trabalhos. Quer mandá-los? (MA, 14-VIII-1924).⁷

Cascudo aceita a proposta, tendo em vista que ser admirador de Mário de Andrade seria lugar-comum para a intelectualidade de sua época, se julgaria célebre se soubesse da opinião do futuro *Macunaíma* sobre seus livros:

Para que quer assanhar caixa de maribondo? Conhecer-me? Pois aí vai o pedido audacioso, [...] Mando meus dois livros. O último *Joio* é a melhor parte que tenho realizado. O *História* é história. Publiquei em 1921 o *Alma patricia* que João Ribeiro, Afrânio etc. elogiaram e o Osório escoicinho lindamente. Homem oportuno. Pelo correio segue o meu credo artístico. Verá o que penso de artes embora seja mais amigo das *malas* (em espanhol?). Ser seu admirador é hoje

⁵ GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. *Correspondências: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. 1999. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1999, p. 47.

⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. O Sr. Mário de Andrade. In: ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: Editora da UFRN, 1995, p. 104.

⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. *Câmara Cascudo e Mário... Op. cit.*, p. 33.

lugar-comum. Muito me julgarei célebre se souber sua opinião sobre os meus livros. Hoje recebi uma carta do Lobato estranhando a gramática do *Histórias que o tempo leva...* (o meu filhinho histórico) Veja lá até onde chega o humorismo do Lobato... (CC, 25-VIII-1924, grifo do autor).⁸

Levando em consideração que correspondência é diálogo e o remetente, em vista de maior ou menor proximidade com seu interlocutor, elege assuntos, experiências e impressões pessoais, vemos que a presença do outro determina também as formas de contar-se, ou seja, Cascudo cria uma *mise en scène* frente à carta do seu interlocutor, o modernista Mário de Andrade, mesmo que o admire bastante, e se colocando como um escritor estreante, não deixa de enfatizar o seu reconhecimento pela intelectualidade de sua época, onde escritores como João Ribeiro e Afrânio Peixoto recepcionaram e elogiaram sua obra; e ao mostrar que troca correspondência com ninguém menos que Monteiro Lobato, chega a fazer piada com as críticas dirigidas ao *Histórias que o tempo leva...*; não se colocando como um iniciante em busca de conselhos, mas como alguém que está de igual para igual, disposto a compartilhar e discutir suas ideias.

Nesse sentido, como demonstrou Marcos Antonio de Moraes, a experiência comum de quem escreve cartas não ignora que o carteador se modifica em graus diferentes, moldando-se pela imagem que tenciona mostrar ao outro, reflexo não muito distante das ações sociais que modelam o indivíduo em mil facetas da personalidade. Esse caráter particular e intransferível da carta determina um espaço narrativo subterrâneo, protegido pelo segredo, próximo da “encenação” do “eu”, seja de forma consciente ou apenas movido pela intuição.⁹

Para se entender as circunstâncias que envolvem a recepção de manuscritos na correspondência de Cascudo e Mário, é necessário levar em consideração as condições que norteavam o envio de manuscritos: pedido de julgamento ou tentativa de publicação.¹⁰ Condições presentes ao longo de todo o corpo da correspondência. Em carta de vinte e seis de setembro de 1924, Mário dirá em resposta a Câmara Cascudo o sentido de suas considerações:

Creia que sou sincero e não tenho a mínima intenção de lhe ser agradável. Nem me importam teorias, Modernismos etc quando aprecio ou renego. É lógico porém que mais aprecio o que mais vai comigo. O que não impede que eu ainda leia com prazer Matias Aires e Euclides por exemplo. A sua dicção tem pontaria certa as mais das vezes, Luís da Câmara Cascudo. Gostei imensamente disso. Não será mesmo essa maior conquista dos modernos? [...] Gosto sempre de fazer exemplo comigo mesmo, porque assim não parece que estou a atacar ninguém. (MA, 26-IX-1924).¹¹

Em quatro de setembro de 1925, Cascudo enviou a Mário de Andrade, do sertão do Rio Grande do Norte, três poemas seus que provavelmente compusera durante sua estadia nesse local. Ao encaminhá-los, Cascudo faz a seguinte solicitação:

⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. *Câmara Cascudo e Mário...* Op. cit., p. 34.

⁹ MORAES, Marcos Antônio de. *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2007, p. 75.

¹⁰ MACHADO, Márcia Regina Jaschke. *O Modernismo dá as cartas: circulação de manuscritos e produção de consensos na correspondência de intelectuais nos anos de 1920*. Op. cit. p. 40.

¹¹ CASCUDO, Luís da Câmara. *Câmara Cascudo e Mário...* Op. cit. p. 38.

Perdoe V. o papel. Estou no meio de vaqueiros e cantadores. Não há luz elétrica. A coisa que me lembra, e detestavelmente o progresso, é meu Ford que está parado debaixo do telheiro [...]. Mando três poemas para V. Leia-os, publique-os. Como quiser. Chamei-os 1, 2 e 3. Se gostar dê-lhes nome pela impressão que obtiver. São absolutamente flagrantes autênticos, fiéis. São seus. (CC, 4-IX-1925).¹²

Como podemos constatar, Cascudo não apenas compartilhou a recente criação como a entregou a Mário para que lhe desse o destino que compreendesse melhor. Estão presentes na declaração de Cascudo as duas condições de envio de textos apresentadas anteriormente, os pedidos de parecer e publicação. Quanto ao primeiro, é possível constatar que foi colocado de forma implícita. Constatação feita não apenas com base na amizade que começava a se firmar entre os dois, mas pela consideração aos comentários críticos de Mário que Cascudo demonstrou ao longo das cartas que trocaram. Não foi encontrado nenhum registro de encaminhamento ou publicação dos três poemas nos periódicos da época, embora Mário achasse que eles “poderiam ser aproveitados em alguma revista interessante”.¹³

Em carta de quatro de outubro de 1925, na qual comentou cada um dos três poemas, Mário deixou claro que não se apropriaria deles, considerando-os “bons”, “enérgicos retos”; e, sobre eles fez uma série de apontamentos. Alertou ao escritor que se debruçasse mais demoradamente nos ajustes da escrita, não abandonando os poemas após a primeira redação, pois essa postura estava resultando em um problema de ritmo, o que Mário demonstrou transcrevendo e comentando dois versos do primeiro poema. Já sobre o poema de n. 2, não apontou nenhum problema, julgando-o o melhor dos três, “excelente como expressão”. Por fim, sobre o de n. 3, apontado por ele como o mais problemático, além de indicar modificações, questionou o emprego do verso livre:¹⁴

O terceiro, não sei adonde que você ou antes o lirismo de você estava com a cabeça, de certo tinha entrado por demais nalguma abrideira bem gostosa, o certo é que a versificação saiu bêbada duma vez. Noto aliás ainda uma certa indecisão no conceito de verso-livre de você. Não é bem verso-livre é verso arbitrária sem justificação nenhuma nem mesmo psicológica. (MA, 4-X-1925).¹⁵

Preocupado, talvez, com uma possível reação de desagrado em virtude dos defeitos indicados e das sugestões de alteração, no final de seus comentários alertou a Cascudo que esse era um costume que compartilhava com outros modernistas:¹⁶

Não zangue não de eu estar propondo mudanças no poema que é seu. O Manuel e o Drummond e uma porrada de outros amigos fazem isso comigo e eu com eles sem nenhuma cerimônia. É lógico que nenhum tem obrigação de aceitar tudo o que os outros propõem. O certo é que eu mesmo devo muito para eles principalmente pro Manuel, que me querendo muito bem é absolutamente impiedoso comigo, não deixa passar nada. Assim também faço com você. Prova de amizade que não obriga você a coisa nenhuma, está visto. E que só serve pra

¹² CASCUDO, Luís da Câmara. *Câmara Cascudo e Mário...* Op. cit., p. 60.

¹³ Comentou: “Olhe, Luís, acho sinceramente que você carece aproveitar aquilo. São três poeminhas deliciosos. Se fizer alguma modificação neles me mande que quero tê-los comigo e talvez aproveitar um dia, se por aqui sair alguma revista interessante.” (MA, 26-XI-1925). Ver: *Ibidem*, p. 75-76.

¹⁴ MACHADO, Márcia Regina Jaschke. *O Modernismo dá as cartas...* Op. cit. p. 41-42.

¹⁵ Op. cit., p. 69.

¹⁶ Op. cit., p. 42.

gente ir ficando cada vez mais cutuba e destorcido na arte que escolheu, não acha? Refletir nunca faz mal pra ninguém. (MA, 4-X-1925).¹⁷

Em carta de nove de dezembro de 1925, Cascudo escreve ao amigo afirmando que engoliu a “inspiração para descomê-la em prosa”; considerou um desaforo as críticas, pois em sua opinião apontar uma falha era desmoronar o castelo, e o dele teria vindo abaixo, de todo modo agradecia, pois acabava de perceber que não era poeta, havia “despertado frente ao fato de que o rei é mais bonito nu”:¹⁸

Engoli a inspiração para descomê-la em prosa. V. é um assassino. E inda lhe devo o favor. Foi como naquela estória persa, o menino que viu o Rei nu. E eu andava certíssimo de estar vestido tão bem. O que me enfureceu foi o conselho de “modificar”. Pois modificar o que não significa que um traço, um rabisco, um desenho japonês dizendo coisa alguma que não seja evocação? V. inda apresentou emendas ao projeto... E técnicas. Bandido complicado em erudito. Fiquei furioso. Aqui pelo Norte nós somos furiosamente, liricamente talentosos. Apontar uma falha é dismantelar o castelinho. E o meu veio abaixo como se fosse de poeira. Estou desanuviado. Mais lépido. Com a impressão de ter vencido. E venci uma convicção às avessas. Devo a V. Meti o livro de versos num envelope e sepultei-o no “inferno” da biblioteca. Creia que estou sinceramente grato. Até cabeleira eu estava usando [...]. (CC, 9-XII-1925).¹⁹

Mário ainda insistirá com Cascudo a respeito dos três poemas e sobre sua poesia. Na carta de primeiro de janeiro de 1926, comenta que ele deveria trabalhar suas poesias, pois para o futuro *Macunaíma*, só as cartas que deveriam ser espontâneas, poesia não, seria como criança, não bastava simplesmente “parir” e “pôr no mundo”, tinha que educar:

Com exceção de minhas cartas não tem trabalhinho meu que não seja pausadamente pensado. E assim é que deve ser. Você está na obrigação de trabalhar a sua poesia, que é boa. E se não fosse boa pode ter a certeza que eu não falava que era. Os três poeminhas que você mandou e que aqui estão guardados e relidos são muito bons. Que custa agora você fazer que eles fiquem mais artísticos, mais perfeitos, se a inspiração vale a pena disso! Você está na obrigação de me mandar logo seus versos pra que eu os leia, tenho vontade deles. E mude sua opinião sobre maneira de fazer obra-de-arte que sobre este ponto de... parir só e não educar depois está positivamente errada. (MA, 1 - I - 1926).²⁰

Em doze de março de 1926, Mário volta a instigar Cascudo a retomar seus escritos poéticos e a tirar o “livro do inferno da biblioteca”, o interesse não era só devido à amizade, mas por apreço intelectual, pois tinha fome de ler o que o amigo produzia em poesia. Argumentou que tanto apreciava a poesia cascudiana, que havia tomado um dos “poemas sem nome” para utilizá-lo como exemplo num artigo que estava produzindo para a revista *Mocidade: Tendências da Poesia Modernista no Brasil*:

Escreva homem e mande coisa! Faz favor, Luís, me mande o tal livro de versos que você estava escrevendo pra eu ler. Juro que tenho interesse não só de amizade mas intelectual nisso e terá ida e volta se você mandar os originais e não cópia. Mande tudo tudo, tenho fome de ler o que você fez em poesia. Agora mesmo escrevi um artigo pra *Mocidade* sobre as Tendências da Poesia

¹⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. *Câmara Cascudo e Mário...* Op. cit., p. 70-71.

¹⁸ Referência ao verso da canção “O estrangeiro”, presente no disco homônimo de Caetano Veloso (Elektra/Musician: 1989).

¹⁹ Op. cit., p. 78-79.

²⁰ *Ibidem*, p. 84-85.

Modernista no Brasil, só citei dois poemas e um deles é o primeiro daqueles três que você me mandou, se lembra? Acho mesmo que você devia continuar essas impressões de agreste tão sugestivas e tão simples. Que acha você de dar a todas elas o nome genérico de Agreste? Ou fazer como eu com os meus "Momentos" e "Paisagens": "Momento n. 1º", "Momento n. 2º", "Paisagem n. 5º" e assim por diante [...]. (MA, 12-III-1926).²¹

Além desse diálogo sobre os três poemas e o livro de poesias lançado no "inferno da biblioteca", vemos na correspondência que Mário solicitou insistentemente a Cascudo colaboração para a revista *Terra roxa e outras terras*. A primeira solicitação foi provavelmente a que está na carta de três de fevereiro de 1926: "Quanto a *Terra Roxa* embora o 1º n. tenha saído fraco a nosso ver, tem causado algum barulho. Você me mande qualquer coisa pra ela sem, no entanto, exceder no tamanho" (MA, 3-II-1926, Ib. Idem, p. 87).²² Após alguns meses, não recebendo colaboração alguma do amigo, Mário escolheu, entre os manuscritos que recebera dele, o poema que mais lhe agradara, "Não gosto de sertão verde" e,²³ à revelia do amigo e não cumprindo com sua palavra, encaminhou-o aos editores da revista paulistana, apenas avisando Cascudo após o envio:²⁴

sim: recebi carta versos revistas, recebi e li tudo, adorei tanto o "Não gosto de sertão verde" que roubei ele por minha conta e já que você não quis mandar nada pra Terra Roxa dei o poema pros redatores que por sinal se entusiasmarão também. Aconselho apenas o escrever aquelas palavras "escorre lento" e a outra que não me lembro agora, naturalmente em horizontal. Essas ideografias na verdade são falsas e também caí nelas e errei. Na verdade não dizem nada mais que o que a imaginação do leitor inteligente bota de si no poema [...]. (MA, 22-VII-1926).²⁵

Em comentário a "Não gosto de sertão verde", José Luiz Ferreira relaciona-o, contudo, à grande atração que o autor tinha pela cultura sertaneja, fato comprovado na divisão do sertão desse poema em dois polos, predominando aquele que caracteriza o sertão com toda sua aspereza e adversidade, mesmo que atestando a existência de um outro sertão que, de certa forma, ameniza o clima de adversidade referido:

É curiosa essa opção do poeta, uma vez que a grande alegria do sertanejo se dá justamente com a chegada do inverno, momento em que tudo se transforma e a vida renasce naquelas terras áridas. Contudo, a opção feita pelo poeta reforça a idéia de que a cultura sertaneja, constituída e mantida dentro das condições de adversidades, principalmente, do clima, que será o grande objeto de estudo e do desejo dele como 'autêntico' sertanejo. Essa perspectiva parece conceber que é

²¹ CASCUDO, Luís da Câmara. *Câmara Cascudo e Mário... Op. cit.*, p. 97.

²² *Ibidem*, p. 87.

²³ Comenta: "Pra breve mando dois ou três poemas pra V. deliberar e rir. Por enquanto mando os nomes; 'Feitiço' e 'Não gosto de sertão verde'. Este dedicado ao poeta Manuel Bandeira, meu mata-borrão lírico". (CC, 18-V-1926). Somente na carta de vinte e cinco de maio de 1926 é que o segundo poema seria apresentado a Mário (CC, 20-5-1926). Não há registros sobre o poema "Feitiço". Talvez nunca tenha sido publicado. Cf. *Ibidem*, p.105-107; GALVÃO, Dácio Tavares de Freitas. *O poeta Câmara Cascudo: um livro no inferno da biblioteca*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012, p. 24. (Mímeo)

²⁴ MACHADO, Márcia Regina Jaschke. *O Modernismo dá as cartas... Op. cit.*, p. 30.

²⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. *Câmara Cascudo e Mário... Op. cit.*, p. 113.

diante do clima hostil daquela região que o homem sertanejo se constitui e se mantém nas suas tradições.²⁶

Segundo Dácio Galvão, o poema “Não gosto de sertão verde” pertence a um conjunto de textos plenos de “brasilidade”, produzidos na perspectiva estética de modernidade desencadeada àquela época. Para o autor, uma plêiade de escritores mais ligados a Mário de Andrade buscava uma arte literária de identidade própria que fosse unvida, entre outros aspectos, da complexidade etnolinguística formadora de uma textualidade identificada com o Brasil, pairando em inúmeras nuances contributivas advindas de escritas e falas das regiões do país. Afinado com o que se produzia de mais avançado em termos de pensamento e de matéria-prima poética, Câmara Cascudo anexava, não à toa, seus poemas em cartas endereçadas aos protagonistas ou a alguns dos principais formuladores do Modernismo de então, entre os quais estariam os nomes de Ascenso Ferreira, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Ribeiro Couto e Joaquim Inojosa.

A diagramação do poema “Não gosto de sertão verde” na revista *Terra Roxa e outras terras* é diferenciada, atendendo em destacado espaço da página aos apelos formais propostos por Cascudo. Entretanto, o formato do poema na revista não corresponde exatamente à composição na versão caligráfica remetida para Mário em vinte e cinco de maio de 1926. Mário, embora tenha gostado tanto do poema que tomou a liberdade de publicá-lo sem combinar com o autor, deixou a diagramação final por conta dos editores responsáveis.²⁷ Atitude que não foi apreciada por Cascudo, que ficou com suas emoções oscilando entre a cólera e o agradecimento, com a publicação de versos que, em sua opinião, foram feitos para serem guardados ou esquecidos; discordando Mário, expôs as prerrogativas de sua produção:

V. é um grande traidor. Versos como aqueles não se publicam, seu Mário, guardam-se ou esquecem-se. Estou oscilando entre a cólera e o agradecimento. Vou explicar porque escrevo certas palavras em letras espaçadas e obíquas. Por ideografia pictorial (!?) V. continua a esperar a colaboração do leitor ao jeito de Baudelaire e Conrad? Eu, dentro do possível, tendo despertá-lo por uma visão gráfica, uma sigla que o ajuda na associação das ideias a pensar no objeto descrito. *Devagar, lento e escorre* escritos desta maneira traduzem o tema numa expressão quase sensível. V. não tem feito outra coisa com o seu estilo tamanduá-bandeira senão ‘obrigar’ o leitor a ‘ver’ menos do que concorda (que é uma questão secundária). (CC, 8-VIII-1926).²⁸

Conforme Araújo, no que se refere a uma poética do futurismo, especialmente no que ela tem de indicativos sobre a representação da visualidade, do dinamismo e da simultaneidade, aspecto determinante para muitos registros poéticos do modernismo, verifica-se que o poeta Câmara Cascudo inaugurou, com o poema “Não gosto de sertão verde”, essa tendência no Rio Grande do Norte. Como expressão da realidade de um momento fundamental da modernidade, o futurismo participou de um movimento mais amplo de experimentalismo formal que possibilitou ao leitor de poesia a percepção de uma nova tipografia que formava desenhos gráficos por meio da disposição de certas palavras no branco da página. Essa

²⁶ FERREIRA, José Luiz. Gilberto Freyre e Câmara Cascudo: perspectivas do elemento regional. In: ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de & OLIVEIRA, Irenísia Torres de (orgs.). *Regionalismo, modernização e crítica social na literatura brasileira*. São Paulo: Nankin, 2010, p. 111-140.

²⁷ GALVÃO, Dácio Tavares de Freitas. *O poeta Câmara Cascudo... Op. cit.* p. 21-22.

²⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. *Câmara Cascudo e Mário... Op. cit.*, p. 116.

tendência era, nos primeiros anos do modernismo brasileiro, uma das dominantes estilísticas presentes em *Klaxon*, “a mais internacional das revistas brasileiras dos 1920”.²⁹

3 As obras, projetos e crítica literária

Nessa epistolografia, vemos que também houve espaço para a troca de obras, a comunicação dos projetos literários que chegaram a ser concluídos, ou os que apenas ficaram no campo do diálogo epistolar. Como sabemos, Cascudo foi o primeiro a encaminhar suas principais obras produzidas na década de 1920: *Joio* e *Histórias que o tempo leva...*: “Mando meus dois livros. O último *Joio* é a melhor parte que tenho realizado. O *História* é história. Publiquei em 1921 o *Alma patrícia* que João Ribeiro, Afrânio etc. elogiaram e o Osório escoicinho lindamente. Homem oportuno” (CC, 25-VIII-1924).³⁰

Na carta de vinte seis de setembro de 1924, Mário comenta sua impressão de *Joio* e *Histórias que o tempo leva*:

Dos livros: *Joio* assinzinho; as *Histórias* o tempo não levará. Acho desagradável essa mania de grudar crônicas em livro, Crônica é pra jornal. Livro é uma concepção mais inteiriça e completa. As *Histórias* são um livro. [...] Do seu *Joio* no entanto uma página me interessou vivamente: “Doutor João”. Muito bem contado e caso interessantíssimo. [...] A parte sobre a Argentina já é melhor. A mim, foi útil. Quanto às *Histórias que o tempo leva*, livro interessantíssimo sob todos os aspectos. Gozei de princípio a fim. Excelente repositório de esclarecimentos. Utilíssimo. E sob o ponto de vista artístico boa realização. O que mais me atrai nos seus escritos deste livro, e mesmo do *Joio* Luís da Câmara Cascudo, é a sua despreocupação da *literatura*. Não há esse preconceito de fazer literatura que é a maior praga da arte de escrever. Nada de frases bem acabadinhas, ritmos preconcebidos, adjetivos para encantar; linguagem direta, pessoal, enérgica, simples, eficaz. Muito bem, Admiro seu livro [...]. (MA, 26-IX-1924, grifo do autor).³¹

A carta, enquanto terreno de experiência e partilha, figura como lugar privilegiado no desenvolvimento literário. Perpetuam-se nela os resquícios de um trabalho miúdo ligado ao nascimento e à crítica do texto literário, transformando a correspondência em um fértil “laboratório” da criação, onde se pode acompanhar o engendramento do texto nas filigramas, observar os meandros da análise e da interpretação e até pontuar motivações externas que irão “precisar a circunstância” do texto. Na correspondência de Mário de Andrade e Câmara Cascudo, o encontro com o *alter ego* desemboca diretamente nos “arquivos da criação”.³²

Em suas cartas, Mário também faz apresentação de projetos de livros, dentre os quais podemos citar alguns exemplos. No primeiro deles, presente na carta de vinte e seis de novembro de 1925, o escritor paulista informa Cascudo do lançamento de: *Losango cáqui* e, um outro projeto, que naquela época, não estava com título definido, tendo podido vir a ser intitulado *Livro de Amor*:

²⁹ ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. O Poeta e o Prosador. In: *Leituras sobre Câmara Cascudo*, João Pessoa, PB: Ed. Idéia, 2006, p. 16-17.

³⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. *Câmara Cascudo e Mário...* Op. cit., p. 34.

³¹ *Ibidem*, p. 37-38.

³² MORAES, Marcos Antônio de. *Orgulho de jamais aconselhar...* Op. cit., p. 92.

Qualquer dia de janeiro ou fevereiro estoura por aí também o meu livro novo, *Losango cáqui* já se imprimindo. São versos, porém sem o aspecto e gosto dos de *Paulicéia*. Outro aspecto e outro gosto. Livro íntimo, sensações delicadinhas, coisa mais sutil talvez. Não sei se é bom, se é ruim, mais diário de sensações que poesia propriamente. E já estou tão longe dele! Agora ando inventando um livro novo, de que não escrevi nenhuma linha ainda porém que me parece meu estado atual de sensibilidade e ideia. Veremos. Talvez se chame *Livro de Amor*, não sei... É [uma] misturada de versos e prosa, mais ou menos no gênero da *Vita nuova* de Dante [...]. (MA, 26-XI-1925).³³

O livro *Losango cáqui* não foi publicado dentro do prazo esperado. Mário parece não se incomodar muito com isso. Conforme podemos ver em uma carta dos primeiros dias de janeiro de 1926, o autor ficou animado com um artigo de Luís E. Soto que comenta *A Escrava que não é Isaura*, agradece Cascudo por aproximá-lo do escritor argentino e como o livro estava “sai-não-sai”, ainda esperaria alguns dias, cinco ou seis, para o envio. Um ponto importante dessa carta, é que Mário pede a Cascudo que faça crítica ao texto, pois se tratava de uma obra que destoava das demais que produzira até aquele momento; e reclama: “se não gostar fale e os reparos que descobrir fale também que você encontra em mim um sujeito que jamais se ofendeu com censuras”:

Porém antes que me esqueça te conto que recebi anteontem uma carta gentilíssima do Soto com um artigo sobre a *Escrava* saído em *Renovación*. Deus lhe pague o que você vem fazendo por mim. Vou esperar uns cinco ou seis dias pra responder pro Soto, porque assim posso mandar pra ele o meu livro novo que está sai-não-sai. Você sabe qual é, o *Losango cáqui*, versos líricos, coisa íntima, coisa de coração moderno. Não tem o caráter humanitário nem nacionalista dos meus últimos versos Vamos ver se você gostará. Mas olhe, se não gostar fale e os reparos que descobrir fale também que você encontra em mim um sujeito que jamais se ofendeu com censuras e que a se mesmo se vive censurando numa conta. Infelizmente seria indiscreto fazendo censuras e críticas de meus próprios livros... (MA, I-1926, grifo do autor).³⁴

Quando falara que não se ofendia com críticas e censuras, parece que não se importava muito com as que provinham da pena amiga; com as demais, prefigurava haver um certo desconforto. Em carta do mês seguinte, em três de fevereiro de 1926, ao mandar “uma porrada de coisas”, livro, jornal e brigas, desejava que o *Losango* agradasse ao amigo. Como a *Paulicéia*, o respectivo livro estava causando um verdadeiro mal-estar. A passagem que veremos a seguir é muito relevante porque mostra Mário fazendo uma crítica muito forte a seu próprio livro e aos elementos estéticos nele presentes; contudo, afirma que o mesmo seria um livro de passagem, não comungava mais com aquelas ideias, acreditava que Cascudo, para quem vivia dando sua alma em cartas, muito saberia compreender que aquela obra nada mais seria que a busca de perfeição no fazer poético-literário:

Aqui vai uma porrada de coisas pra você. Livro, jornal e brigas. Desejo que o livro te agrade. Também se não agradar fale e nada de delicadezas comigo, hein. Não é por causa duma opinião contraditória a um livro meu que diminuirá um minutinho de minha amizade por você. Como a *Paulicéia*, está causando uma trapalhada medonha. Uns acham loucura, outros confundem com o desvairismo de *Paulicéia*, o que é constituído até com excesso de teoria, outros acham incompreensível, outros acham a melhor coisa que jamais fiz, melhor

³³ CASCUDO, Luís da Câmara. *Câmara Cascudo e Mário... Op. cit.*, p. 76.

³⁴ *Ibidem*, p. 84.

mesmo que as últimas. Tudo isso me parece exagero sobre exagero. O *Losango* não é mais que um livro de passagem. Tem coisas dentro dele que gosto deveras porém é um livro sintomático de passagem. Era lógico que para um espírito curioso e sério como o meu o intuitivismo de *Paulicéia* em que acertei à vezes por acaso, não me podia contentar. [...] Agora estou noutra inda menos sensacionalista e mais espiritual. Não sei francamente onde irei parar porém você para quem vivo dando minha alma por cartas sabe perfeitamente a enorme sinceridade minha e que essa mutação constante não é mais que a sede clássica de perfeição. Perfeição propriamente não, expressão de mim mesmo. (MA, 3-II-1926, grifo do autor).³⁵

No dia dezenove de fevereiro, volta a se lastimar com Cascudo a respeito da polêmica ainda causada pela publicação de *Losango*, pretendia escrever do ano de 1926 até o começo de 1927, seu livro sobre a *História da música*, na tentativa de estancar os insultos feitos de forma mais perversa e estúpida que vieram com a *Paulicéia*. Como acreditava que o orgulho pessoal era a coisa mais importante que o indivíduo poderia ter, responderia com orgulho pessoal: “mais um livro de estudos pra desnortear ainda mais aqueles filhos-da-p...”:

Tomei por obrigação botar na rua este ano a minha *História da música* e o mais tardar no começo do ano que vem há-de estar escrita custe isso o que custar. Se tivesse tempo falaria porquê. Enfim é por causa do escândalo do *Losango cáqui*, não só absolutamente incompreendido mas que deu razão a uma tempestade de insultos mais perversa e tão forte como a que veio com *Paulicéia*. A essa estupidez humana eu respondo com orgulho pessoal: mais um livro de estudo pra desnortear inda mais esses filhos-da-puta [...]. (MA, 19-II-1926, Id. Ibidem, p. 91).³⁶

No dia vinte e dois de julho de 1926, Mário anuncia mais duas obras: *Primeiro Andar* e *Amar, verbo intransitivo*, e informa que tinha dedicado um dos contos do primeiro livro ao amigo potiguar. Depois voltou atrás, pois esperava ofertar coisa maior que pudesse guardar o nome forte dessa amizade:

Creio que para setembro terei o *Primeiro andar* pronto e para outubro o *Amar, verbo intransitivo*. Tinha dedicado a você um dos contos do *Primeiro andar* porém acabo de tirar a dedicatória. Espero em Deus que hei de ter vida e forças pra te dar coisas mais valiosas e guardar o nome forte da nossa amizade em qualquer coisa de vida maior. (MA, 22-VII-1926, Id. Ibidem, p. 114, grifo do autor).³⁷

Em resposta, Cascudo, faz dois comentários. O primeiro, diz respeito à rapidez com que Mário conclama os títulos de seus novos trabalhos; toda vez que Cascudo pensava em elaborar uma crônica, logo tinha que rasgar e começar novamente. O segundo aborda a questão das dedicatórias, frisando que bem ou mal eles estavam independentes de provas tipográficas para endosso à aliança intelectual que mantinham; Cascudo se sentia íntimo de Mário, por isso, enfatizou a expressão “Primeiros no coração e últimos na mesa”, vejamos as passagens:

V. fala de *Amar* e de *Primeiro andar* e onde está o *Clã de jabuti* bicho de minha especial deferência e estima? V. é um anunciador de títulos despertadores de crônicas. Cada um deles vai pedindo um artigo. Vez por outra escrevo um e guardo. Na outra carta V. não fala no livro e eu rasgo o artigo. E sucessivamente... [...] Não pense em mim nas dedicatórias. Distribuas em troco

³⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. *Câmara Cascudo e Mário... Op. cit.*, p. 87.

³⁶ *Ibidem*, p. 91.

³⁷ *Ibidem*, p. 114.

miúdo da estima impressa entre os mais apressados. Eu tomo o que é meu em V. – uma parte grande de espírito e de pensamento. Nós, de bem e de mal, estamos independentes de provas tipográficas para endosso à aliança. V. entendeu? Pertencem aos de casa. Primeiros no coração e últimos na mesa (CC, 8-VIII-1926, grifo do autor).³⁸

Outra obra de Mário de Andrade mencionada na correspondência seria *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Em carta de primeiro de março de 1927, Mário dá notícia de que um amigo em comum, o Andrade Murici, teria ido a sua casa para visitá-lo e mencionado que conhecia Cascudo, confidenciando que o amigo potiguar não conseguiria se adaptar em nenhuma outra parte a não ser no Nordeste, teria ficado com a impressão de ser essa condição um “traço psicológico adorável”. Ao mudar de assunto, Mário disse que não se prolongaria nesse assunto, conversaria sobre coisa séria, precisava da ajuda de Cascudo há algum tempo, e sempre esquecia de dizer a razão e a necessidade:

Segunda passada o Andrade Murici veio aqui em casa me visitar e soube que ele conhece você. Me falou que você não pode se adaptar em parte nenhuma só aí no Nordeste, é verdade? [...] Fiz com ele um livro que me parece não está ruim e sairá em janeiro ou adiante, do ano que vem. Minha intenção foi esta: aproveitar no máximo possível lendas tradições costumes frases feitas etc. brasileiros. E tudo debaixo dum caráter sempre lendário porém como lenda de índio e negro. O livro quase não tem nenhum caso inventado por mim, tudo são lendas que relato. Só uma descrição de macumba carioca, uma carta escrita por *Macunaíma* e uns dois ou três passos do livro são de invenção minha, o resto tudo são lendas relatadas tais como são ou adaptadas ao momento do livro com pequenos desvios de intenção. Por exemplo a lenda da Velha Gulosa que vem no Barbosa Rodrigues está sutilmente deformada no livro pra se perceber que é uma caftina. [...] Enfim é um livro bem tendenciosamente brasileiro. Ora o que eu quero de você é isto: você tem recolhido lendas e tradições aí no Nordeste. Meu livro está escrito porém tenho ainda um ano pra matutar sobre ele e modifica-lo à vontade. Eu queria botar uma lenda aí do Nordeste nele, você pode me ceder uma das que recolheu? Quero uma bem lírica, sentimental se for possível. Enfim, o mais lírica possível. Escolha das que você tem umas duas ou três e me mande. Botarei uma só e guardarei cuidadosamente as outras pra você mesmo. (MA, 1-III-1927).³⁹

Em carta de primeiro de outubro de 1928, Cascudo acusa o recebimento de *Macunaíma* e, embora não tenha podido lê-lo, fala sobre suas impressões mais apressadas; ia também acompanhando os registros sobre o livro, deixaria o mais para conversar pessoalmente, pois em princípios de dezembro, Mário viajaria para Natal, para ser seu hóspede, viagem que se estenderia por Paraíba e Pernambuco:

Em Natal não pude ler *Macunaíma*. Li, verdade seja, trechos às pressas. O bastante pra dizer que V. pode fechar o firo brasileiro. Porque todo o Brasil está ali. Vou aos poucos lendo os registros sobre o livro. Farejo que eles não assuntam a dispersão propositada do tema. O hábito de ver é diferente do rever. *Macunaíma* é revisão do Brasileiro. Reúne-o. Catar um detalhe para análise é besteira grossa. Demais, querido Mário, eu vou achando um sabor de canto cíclico, de canção de gesta, uma coisa à saga, reconto de hierodrama. O que ataranta é o linguajar brasileiro. E a mistura que V. fez dos temas. A mistura deu o retrato dos instintos. Enfim, muita coisa pra conversar pessoalmente. Escreva. Ficarei aqui [em Recife] até princípios de dezembro. Não é esta a época de sua vinda? Não está combinado que V. irá diretamente a

³⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. *Câmara Cascudo e Mário... Op. cit.*, p. 117.

³⁹ *Ibidem*, p. 123.

Natal, depois Paraíba (capital) vindo carnavalear em Recife? Bento é que disse esta história. E até combinamos programas. (CC, 1-X-1928, grifo do autor).⁴⁰

Durante o ano de 1928, Cascudo trataria de um projeto de livro sobre a História do Rio Grande do Norte, mostrando, mais uma vez, que embora se dedicasse à crítica literária, o campo da produção historiográfica seria, pelo visto, de sua maior predileção:

Eu continuo tomando notas para uma História do Rio Grande do Norte em três volumes. Divido-os assim: Expansão geográfica, conquista, colonização, povoamento, fixação do contorno territorial. Segundo volume: administração, política, expressão econômica, história da sociedade (genealogia das principais famílias, núcleos de irradiação política, indumentária, culinária, costumes, festas, música, religião). Terceiro volume: História da Literatura. Gosta do plano? Quer sugerir alguma coisa? Devo dizer que cada volume compreende desde a conquista até atualmente (CC, 1-I-1928).⁴¹

Mário, em carta de vinte e dois de janeiro de 1928, alude ao comentário de Cascudo sobre sua nota em torno do livro *López do Paraguay*, concordava que o amigo tinha razão no reclame, lá sabia sobre história para “comentar obra de um ‘bicho’” feito Cascudo? Tinha se limitado mesmo só em chamar atenção sobre a obra, queria mesmo era aconselhar o amigo, para que em vez de se voltar a mais um projeto como o que fora mencionado acima, que se dedicasse a concluir o projeto apresentado anteriormente sobre o livro *Lendas e Tradições* em 1925:⁴²

Você fez uma observação muito engraçada sobre o artigo meu sobre o *López*. Tem razão. Porém que você queria que eu falasse, lá sei história então pra comentar um bicho feito você! Deus te livre! Me limitei falando umas bobagens, no fundo era só desejo de chamar atenção sobre seu livro mais nada. Praquê que você em vez de dar fim pras *Lendas e Tradições* já encaminhadas se mete fazendo mais projeto de livro e inda mais o enorme do livrão em três volumes que projetou? Que o projeto é cotuba nem se discute porém o que vejo nessa porrada de projetos encolarados é o espírito dispersivo se intrometendo na dança e não deixando você puxar fieira direito. Tome cuidado com isso. Não posso discutir se um livro valerá mais a pena fazer que outro, ambos têm interesse brasileiro igual. Pra mim que só conheço História pela rama prefiro o das tradições [...]. (MA, 22-I-1928).⁴³

Nesta perspectiva, a correspondência entre Mário e Cascudo permite a concretização mais cabal dos “arquivos da criação”, termo pertencente ao campo da crítica genética, que, nos estudos literários, interessa-se por compreender os caminhos da produção artística. Os “arquivos da criação” constituem um dos veios mais ricos no estudo da epistolografia. José-Luiz Diaz circunscreve a ampla gama de possibilidades de exploração da escritura cronística-testemunhal da carta:

se elas às vezes se contentam em mencionar uma obra em processo de criação, elas também permitem, em alguns casos exemplares, seguir – quadro a quadro – suas diversas fases: do projeto informe, ainda mal desenhado, nomeado com dificuldade, até a publicação do livro, seguida de sua recepção pela crítica (que a carta comenta) e, enfim, o seu lento e inexorável esvanecimento nas águas

⁴⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. *Câmara Cascudo e Mário...* Op. cit., p. 149.

⁴¹ *Ibidem*, p. 139.

⁴² Trata-se de um projeto que nunca veio ao prelo, mas que anunciado no corpo da respectiva correspondência.

⁴³ *Ibidem*, p. 141.

turvas da memória (da qual a série de cartas pode se tornar o doloroso testemunho)...⁴⁴

4 Considerações finais

Como se pode constatar ao longo da leitura da correspondência de Mário e Cascudo, as obras ou os projetos editoriais cascudianos, entre os anos de 1924 e 1928, são predominantemente voltados para a História, embora não deixem de dialogar com o campo da crítica literária, ou ainda ensaiar alguns estudos no campo do folclore. Um elemento evidente presente na carta de vinte e dois de janeiro de 1928, é a tentativa de Mário em aconselhar o amigo, comentando a respeito de sua esquivia em dar opinião sobre os estudos de Cascudo até aquele instante.

Concordamos com Marcos A. de Moraes quando aponta que a carta anterior, enviada a Câmara Cascudo continha um assunto bem difícil de ser tratado, ocupando o cerne da mensagem. Mário de Andrade possivelmente teria escrito para criticar o “espírito dispersivo” do amigo, que interromperia um estudo sobre “lendas e tradições” para empreender projetos mais “vultuosos” e menos importantes. Cuidadoso em expor seu parecer, Mário, não menospreza os novos caminhos de pesquisa que Cascudo pretendia seguir, afinal, “o projeto é cotuba nem se discute” e possuía “interesse brasileiro igual”, mas, visivelmente, aposta no livro “das tradições” e queria vê-lo realizado em primeiro lugar. Era preciso, porém, dizer isso com cuidado, colocando o interlocutor em posição de superioridade (“lá sei história então pra comentar um bicho feito você”), desenvolvendo um discurso que se apropria da vivência do outro e servindo-se da sintaxe maleável da fala para se tornar mais próximo. O essencial estava dito – “Tome cuidado” –, mas envolto em uma enunciação epistolar que tenta apagar qualquer vestígio de imposição. O próprio conjunto da carta dissimulou a dureza dessa admoestação. Tudo o mais que ali aparece, pode ser tomado como recursos de aproximação que parecem somente estofar a aspereza do conselho.⁴⁵

Gostaríamos de finalizar este artigo argumentando, com base em Carlos Altamirano, que a História intelectual, como se sabe, é praticada de muitas maneiras e não possui em âmbito uma linguagem teórica ou modos de proceder que funcionem como modelos obrigatórios nem para analisar, tão pouco para interpretar seus objetos, muito menos para definir, sem referência a uma problemática, a quais objetos conceder primazia.⁴⁶

No campo dos estudos literários e dos estudos históricos brasileiros, Carlos Eduardo Bezerra e Telma Maciel da Silva, nos mostram que o uso da correspondência de escritores como fonte de pesquisa, está em desenvolvimento. E nesse sentido, as cartas têm a função de

⁴⁴ DIAZ, José Luis. Qual a Genética para as Correspondências? Trad. Claudio Hiro e Maria Sílvia B. Ianni. *Manuscrita. Revista de Crítica Genética*, São Paulo, n. 15, 2007, p. 123.

⁴⁵ MORAES, Marcos Antônio de. Orgulho de jamais aconselhar... *Op. cit.*, p. 94

⁴⁶ ALTAMIRANO, Carlos. Ideias para um programa de História intelectual. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, São Paulo, v. 19, n. 1, jun. 2007, p. 9.

mostrar que a produção do texto literário e de outros textos é, assim como a própria carta, um espaço de partilha. A carta é uma partilha não somente porque ela pertence a dois sujeitos, mas porque envolve sempre vários correspondentes indiretos, no momento mesmo de sua escrita. Esses correspondentes são nomeados diretamente, outros são insinuados, porém todos configuram uma rede de sociabilidade em que a carta é, muitas vezes, o único registro. Assim, a carta pertence também aos que partilham dela como fonte de pesquisa.⁴⁷

Não cremos por fim, que seja necessário entregar a crítica literária aqui presente a uma espécie de zona fronteiriça entre “história intelectual” ou “literatura das ideias” para admitir que esta não agrega apenas conceitos e raciocínios, mas igualmente elementos da imaginação e da sensibilidade dos intelectuais em questão. Como se o pensamento que os anima fosse um assunto sem interesse, demasiadamente trivial ou demasiadamente monótono, ou seja, demasiadamente vulgar para torna-los objeto de uma reflexão própria: “a divulgação de manuscritos e a crítica literária através da troca de correspondências entre intelectuais”.⁴⁸ A disseminação e o apogeu que se observam hoje em dia na História Intelectual não estão desvinculados da erosão sofrida pela ideia de uma saber privilegiado, ou seja, se um setor do conhecimento que opere como fundamentação para um discurso científico unitário sobre o mundo humano. Podemos considerar que essa situação é provisória, e temos confiança em ressaltar que tais possibilidades de pesquisa ajudam a criar a emancipação de qualquer hierarquia presente entre os campos de conhecimento.

Giuseppe Roncalli Ponce Leon de Oliveira: Bolsista PNPd/CAPES do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande e Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. É autor do livro *Luís da Câmara Cascudo e a invenção do “feminino” na “cultura-popular-nordestina” (1938-1977)* (EDUFCG, 2009) e de outros artigos tratando do mesmo tema, publicados em periódicos especializados.

Marinalva Vilar de Lima: Professora da Universidade Federal de Campina Grande. Atua no ensino, na pesquisa, na pós-graduação e na extensão nas áreas de História Antiga e Medieval, privilegiando temas como cultura popular, tradições e religiosidades, etnicidade e diversidade socio-cultural, migrações, trabalho e sociedade capitalista; e, Teoria da História. É membro permanente do programa de Pós-Graduação em História (PPGH/UFCG).

José Machado da Nóbrega: Especialista em História do Brasil e da Paraíba pela Faculdades Integradas de Patos (FIP-PB). Possui licenciatura plena em História pela Universidade Regional do Nordeste. Atualmente, é professor da E.R.E.M. Francisco Madeiros.

⁴⁷ BEZERRA, Carlos Eduardo & SILVA, Telma Maciel da. “A Correspondência de escritores brasileiros como fonte de pesquisa para os estudos literários e históricos. *Historiae*, Rio Grande (RS), 1(1), 2010, p. 61-62.

⁴⁸ ALTAMIRANO, Carlos. Ideias para um... *Op. cit.*, p. 13.